

**O corpo como território do sensível – aproximações
entre arte, educação e clínica.**

Maíra Gerstner

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto Anthropos de Psicomotricidade (RJ)

Seminário Angel Vianna
2015

RESUMO: O presente trabalho pretende desenvolver uma abordagem teórica para pensar o desenvolvimento de uma dobra clínica a partir de algumas poéticas artísticas. Mais do que arte-terapia, o caminho da arte para a clínica revela outras possibilidades para aquilo que na arte se entende por expressão. Irmãs, a arte e a clínica muitas vezes se encontram em processos de aprendizagem, que na arte contemporânea, acabam por deslocar tanto o sentido de “arte” como o de “clínica”.

PALAVRAS-CHAVE: arte, educação, clínica, corpo, processo.

"A vida que bate no seu corpo - eis a arte.
O seu ambiente - eis a arte.
Os ritmos psicofísicos - eis a arte.
A vida intra-uterina - eis a arte.
A supra-sensorialidade - eis a arte.
Imaginar - eis a arte.
O pneuma - eis a arte.
A apropriação de objetos e de áreas - eis a arte.
O puro gesto apropriativo de situações humanas ou vivências poéticas - eis a arte".

Frederico Morais

Do Corpo à Terra - Um Marco Radical na Arte Brasileira

Esta pesquisa possui alguns começos. Fruto de algumas inquietações artísticas que com o tempo passaram a ser "estético-clínicas", como bem pontua Suely Rolnik ao falar do aspecto molar, ou micropolítico da existência humana¹. Neste sentido, o vivido pelo corpo, suas marcas e experiências, ganham aqui outra dimensão, o território do sensível. Território este que não é dado, mas conquistado, dia a dia, na brava luta de tentarmos ser aquilo que desejamos e não o que se impõe a nós. Território aqui que é invenção, pois se na sociedade de controle o capital devora a si próprio e coopta a ele tudo e todos. A subjetividade é moeda de troca, talvez a moeda mais forte, mais potente. Moeda invisível, mas que se materializa na carne, no corpo, na criação. E por falar em criação, até o território artístico, muitas vezes visto como a única possibilidade de resistência ao capital, foi também se escamoteando e muitas vezes dançando a dança daqueles que desejam a metafísica, a ambivalência, a dialética, não apontando para um espaço de multiplicidade e cuidado de si.

Assim, este texto apresentará algumas paisagens ao leitor, paisagens afetivas que criam derivas para os possíveis começos deste

¹ GUATARRI, Félix & ROLNIK, Suely. *Cartografias do desejo*.

trabalho; gêneses que foram dando contorno ao que muitas vezes pode nos escapar.

PAISAGENS AFETIVAS DE UM TERRITÓRIO SENSÍVEL

Da janela lateral do quarto de dormir

A caminho de São Pedro da Serra sons são escutados, canções miltoneanas que preparam para o emaranhado de percepções do sentir. Dois dias na serra fluminense a procura de se trabalhar, de entrar em contato. Corpos são tocados, um corpo toca o outro, uma história toca a outra. Um choro de um que contagia a emoção do outro. A emoção que brota do toque. Que emoções habitam o corpo? Que histórias vagueiam por nós que são ativadas pela sensação? Para onde endereçam?

A linguagem da doença

Uma atriz e diretora de teatro, munida de seu potencial artístico, adoece em meio a percalços da vida a dois, da vida a um, da vida artística, do capitalismo desenfreado que também assola a produção cultural contemporânea. Um câncer no cérebro. Seu corpo agora acolhia uma estranha linguagem capaz de fazer ver aquilo que o corpo social fazia escamotear. Aqueles que conviviam, alguns, se perguntaram por que. Haveria algo de errado na maneira de trabalharmos o corpo e a subjetivação nos processos de criação na cena?

Lygia Clark e seu convite à deriva

Jardins do MAM. Um corpo envolto em um jornal é carregado por um coletivo. Não falam nada. Em silêncio, na tentativa de

ritualizar algo. São as proposições de Lygia Clark sendo revisitadas trinta anos depois. O que ela nos provoca ainda não tem explicação. A artista, na sua angústia do medo de enlouquecer, cria para si uma clínica, oriunda de sua obra, para chegar no outro, antes espectador, participador. Agora, cliente. Mas ainda sim, espectador. Na sua busca Lygia cria uma deriva: não é arte, não é clínica, mas é as duas e ao mesmo tempo um novo território que as palavras tentam ainda nomear.

No colo de Antônio Januzelli

Uma sala de teatro. Último dia de um ano letivo. Um encontro entre um professor e um aluno. Este olha pra tudo e vê no professor o caminho a percorrer. A sala está vazia, todos se foram. O aluno abraça o professor e chora. Chora o choro daqueles que vão lutar contra os regimes de representação que assolam o porvir. O teatro é um elixir que poucos sabem manusear.

"Es todo la misma cosa."

O artista pedagogo uruguaio Luis Camnitzer, que na sua obra não distingue arte e educação, mas procura aproximar ambos no sentido da investigação de seus processos, quando questionado sobre se poderíamos "cambiar" a palavra "educação" por "clínica" na afirmação "Arte é educação", disse: "O que não gosto é da palavra cambiar. Porque tudo, no fundo, é a mesma coisa."

Camnitzer, ao aproximar as figuras do artista, do mágico e do cientista, afirma existir algo no fazer artístico que diz respeito à produção de um resíduo inexplicável². Aqui, nos interessa pensar

² CAMNITZER, Luis. *O artista, o cientista e o mágico*. In: <http://www.goethe.de/wis/bib/prj/hmb/the/156/pt8622845.htm>

como arte, educação e clínica podem se encontrar neste espaço do inexplicável, um resíduo imaterial, mas que se torna matéria ao convocar o vivido no corpo.

Para isso, pensamos em propor uma cartografia. Cartografias da ferida ou paisagens afetivas que habitam o corpo, tal como nos gritou o filósofo Henri Bergson ao ousar dizer que a matéria é memória, portanto, a memória é corpo. As paisagens aqui citadas habitam este corpo que vos fala, mas também outros corpos que foram se relacionando com essas imagens.

As feridas cartografadas aqui também são as dos parceiros artísticos dessa empreitada: Lygia Clark, Augusto Boal, Luis Camnitzer, Antonin Artaud. Por que em Clark e Boal, a ferida dionisíaca, marca da pulsão artística, realiza uma dobra na direção da ferida quironiana³?

Aqui encontramos aquilo que nos interessa pensar. Se tanto Clark quanto Boal, principalmente, desenvolveram a partir de suas respectivas poéticas artísticas, uma perspectiva clínica, caberia aqui pensar o que o encontro entre os devires de Dioniso e Quíron podem vir a anunciar.

Portanto, pensar uma clínica oriunda da arte, está para além da própria linguagem artística. É buscar a deriva dentro de uma poética, algo que perca seu nome, que vá ao encontro do outro no sentido do acolhimento. Coisa que talvez a arte tenha se distanciado um pouco e coube à clínica executar. Mas, a uma clínica que pactua com a arte no sentido de sua potência de invenção e experiência, para além da ambivalência, da dialética e da metafísica. Em prol da experiência do corpo e de seus devires.

³ Quíron, o centauro ferido, possui uma ferida que nunca cicatriza e por isso é capaz de acolher o outro na sua dor no exercício da clínica.

BIBLIOGRAFIA

- ARTAUD, Antonin. *Linguagem e vida*. São Paulo, Perspectiva: 1999.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOAL, Augusto. *O arco íris do desejo*. Civilização Brasileira, 1996
- CAMNITZER, Luis. *O artista, o cientista e o mágico*. In: <http://www.goethe.de/wis/bib/prj/hmb/the/156/pt8622845.htm>
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- _____. *Dobra (a): Leibniz E O Barroco*. São Paulo: Papyrus Editora, 1991.
- _____. *O Anti-édipo*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- GUATARRI, Félix & ROLNIK, Suely. *Cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.
- WANDERLEY. Lula. *O dragão pousou no espaço*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.